CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: A VIAGEM PERMANENTE – O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA
26 e 29 de Outubro de 2020

MOGZAUROBA SOPOTCHI / 1979-87
"Uma Viagem a Sopot"

um filme de ***Nana Djordjadze***

Realização: Nana Djordjadze / **Argumento:** Irakli Kvirikadze, Nana Djordjadze / **Fotografia:** Nikoloz Sukhichvili / **Cenografia:** Nana Djordjadze / **Música:** Teimuraz Bakuradze / **Interpretação:** Guiorgui Dadiani (Gogui), Omar Gvassalia (Omar)

Produção: Kartuli Pilmi (Gruzia Film) / **Cópia:** em 35 mm, cor, legendado em francês e eletronicamente em português / **Duração:** 28 minutos

UKANASKNELNI / 2006
"Os Últimos"

um filme de ***Aleksandre Rekhviachvili***

Realização: Aleksandre Rekhviachvili / **Argumento:** Aleksandre Rekhviachvili, Rati Rekhviachvili / **Fotografia:** Paata Keresselidze / **Direcção Artística:** Nino Rekhviachvili / **Montagem:** Saba Amiredjibi / **Música:** Niaz Diassamidze / **Som:** Levan Kikvidze

Produção: Inga Karaia / **Cópia:** Ficheiro, preto e branco, com legendas electrónicas em português / **Duração:** 62 minutos

Sessão de dia 26 apresentada por Marcelo Felix

***

Nana Djordjadze, nascida em 1948, é possivelmente a realizadora georgiana mais conhecida internacionalmente, e uma das suas primeiras longas-metragens – **Robinsonada**, de 1987 – conquistou em Cannes a prestigiada (e prestigiante) Caméra d'Or. Por coincidência, 1987 foi também o ano em que finalmente estreou **Mogzauroba Sopotchi**, que no final dos anos 1970 fora o seu filme de fim de curso para uma escola de cinema georgiana mas que ficou proibido de estrear durante todo esse tempo. Não é um retrato muito idílico da vida naqueles tempos. Através de duas figuras masculinas, Gogui e Omar, meio-marginais meio vigaristas que andam pelos comboios e por povoações rurais a impingir fotos pornográficas como forma de ganhar uns trocos, a paisagem humana e social descrita por Djordjadze é bastante desolada, e depois de muitas viagens clandestinas, encontros e conversas, conclui-se (planos de um dos homens percorrendo a pé as linhas dos comboios) com uma iminência de morte – ou como o que parece um desejo de morte – dado de forma simétrica a uma possível imagem de um destino inalterável (os eixos formados pelas linhas ferroviárias, que se perdem no horizonte).

Ukanaskelni, filme mais recente e portanto já de "outra" Geórgia, é um documentário no entendimento mais clássico do conceito. Filma uma região remota da Geórgia, e a população de duas aldeias (que existem, ao que parece, desde tempos medievais) absolutamente isoladas, por ausência de vias de comunicação dignas desse nome. São duas "ilhas" no meio da Geórgia, condenadas a uma radical auto-subsistência. Seguindo o trabalho diário dos habitantes, forçosamente todo ele ligado aos recursos fornecidos pela natureza vegetal ou animal, Rekhviachvili faz um filme que, antes de ser "etnográfico", é um filme sobre a resistência humana (incluindo a capacidade de adaptação) às mais adversas condições. Há até um lado razoavelmente "pictórico" na abordagem do cineasta, que frequentemente procura extrair toda a carga simbólica inerente ao facto de enquadrar aquelas presenças humanas dentro duma paisagem esmagadora, feita de terra, rochas, neve, lama. Quase todas essas presenças são de gente já com alguma idade; os jovens, presume-se, fogem dali o quanto antes. São, por isso, os "últimos", num retrato não isento de ambiguidades sobre a transformação (mas também sobre o que não se transforma) no coração da Geórgia rural.

Nota: filmes visionados em língua original, sem legendas.

Luís Miguel Oliveira